

## **ABORDAGEM NA PERSPECTIVA DO TEMA DA VIRTUDE**

**Carlos Ribeiro Caldas Filho**

*Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Professor na Escola Superior de Teologia e no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, onde coordena o Grupo de Pesquisa “Expressões do sagrado na literatura”.*

### **Resumo**

A cultura popular contemporânea algumas vezes apresenta uma tendência de valorizar o que a reflexão teológica cristã no período medieval classificava como vícios. Contra esta tendência apresenta-se a literatura infanto-juvenil de Júlio César de Melo e Souza (1895-1974), mais conhecido como Malba Tahan, como literatura que, sem ser moralista, exalta as virtudes da tradição da teologia moral cristã. Esta obra apresenta de maneira criativa a excelência dos transcendentais, o bom, o belo e o verdadeiro. Assim, pode ser um eixo unificador de uma reflexão sobre ética, religião e literatura.

### **Palavras-chave**

Teologia moral – virtudes – literatura infanto-juvenil

### **Abstract**

Contemporary pop culture sometimes presents a tendency towards a valorization of Christian theological reflection in medieval times classified as vices. Against this tendency this essay presents the literary work produced by Júlio César de Melo Souza (1895-1974), also known as Malba Tahan. This literary work has teenagers as main readers. Even though it is not moralist, it exalts the virtues of the tradition of moral Christian theology. It is a literary work that in a very creative way presents the excellence of the transcendentals, the good, the beauty and the truth. So, it can be an unifying axis of a reflection about ethics, religion and literature.

### **Key words**

Moral theology – Virtues – Literature for teenagers

## Introdução

O objetivo deste congresso é refletir academicamente sobre os grandes temas da ética e da cidadania. E esta mesa em particular trata da dos temas ética, religião e literatura. De que maneira é possível encadear estes três temas? A proposta da presente comunicação é interligar estes temas na perspectiva do tema da virtude. Antes de prosseguir, uma apresentação geral – muito da literatura mundial apresenta uma perspectiva contrária ao tema desta reflexão. Em outras palavras: muito da literatura (brasileira e mundial) apresentam uma virtual exaltação da falta de virtude e da falta de ética. Poder-se-ia dizer que quando tal acontece a literatura simplesmente retrata “a vida como ela é”. Esta observação sem dúvida é verdadeira. Não obstante, não se deve confundir a apresentação da vida “real” com a apresentação de falta de ética e falta de virtudes como algo natural ou, quem sabe, até mesmo desejável. Pode ser que haja um mero interesse comercial por detrás desta situação. Uma observação da sociedade, posto que superficial, é suficiente para demonstrar como um tratamento literário de situações que envolvam situações de vingança, cobiça, ira ou luxúria por exemplo são comercialmente rentáveis e promissoras.

Daí que a presente comunicação visa resgatar tema da virtude como elemento unificador desta reflexão sobre ética, religião e literatura. Para tanto é necessário clarificar os termos. O que se quer dizer por virtude? Esta palavra, algumas vezes mal vista na cultura popular contemporânea, tem origem latina – *virtus*, *virtute* – da raiz *vir*, que literalmente significa “homem”. *Virtus* é a tradução latina do grego *areté*, que significa “excelência”. A idéia é a de um traço do caráter de uma pessoa que é apreciado socialmente. Sócrates dizia que “tudo é conhecimento, inclusive a justiça, a temperança e a coragem - o que tende a demonstrar que certamente é possível ensinar a virtude”<sup>1</sup>. E na famosa *Ética a Nicômaco*, Aristóteles dizia que a prática das virtudes é aperfeiçoada com o hábito. De *vir* temos as palavras portuguesas “viril” e “virilidade”, atualmente entendidas quase que exclusivamente em termos de potência sexual masculina. Mas originalmente *virtute* se relaciona com a idéia de autocontrole, autodomínio. Tem virtude quem tem domínio próprio, é capaz de controlar seus desejos e não se torna escravo de qualquer fonte de prazer.

---

<sup>1</sup> Citado por Shattuck, 1998:20.

Quando tal acontece não se encontra a virtude, mas o vício, que degrada e destrói.

A reflexão teológica medieval falava das conhecidas três virtudes teológicas: a fé, a esperança e a caridade (ou amor), às quais se associavam às quatro virtudes cardeais: a prudência, a justiça, a fortaleza e a temperança. O quadro abaixo mostra a concepção cristã medieval das virtudes, que se opõem aos vícios ou pecados capitais:

<b>Virtudes teológicas</b>	<b>Virtudes cardeais</b>	<b>Virtudes morais</b>	<b>Pecados capitais</b>
Fé	Coragem	Sobriedade	Gula
Esperança	Justiça	Prodigalidade	Avareza
Caridade (Amor)	Temperança	Trabalho	Preguiça
	Prudência	Castidade	Luxúria
		Mansidão	Ira (Cólera)
		Generosidade	Inveja
		Modéstia	Soberba (Orgulho) <sup>2</sup>

Emmanuel Kant falava do “imperativo categórico”, a moralidade, distinto da legalidade, o “imperativo hipotético”. O imperativo categórico é autônomo, e não heterônomo como o imperativo hipotético. Recentemente o filósofo francês André Comte-Sponville em sua obra *Pequeno tratado das grandes virtudes* (2004) apresenta uma lista de dezoito virtudes, quais sejam: polidez, fidelidade, prudência, temperança, coragem, justiça, generosidade, compaixão, misericórdia, gratidão, humildade, simplicidade, tolerância, pureza, doçura, boa-fé, humor e amor. E no Brasil recentemente o conhecido teólogo Leonardo Boff publicou em três volumes uma obra intitulada *Virtudes para um outro mundo possível* (Volume I: *A Hospitalidade. Direito e dever de todos*; Volume II: *Convivência, Respeito e Tolerância*; Volume III: *A Comensalidade: comer e beber juntos e viver em paz*). Nesta trilogia, Boff defende a tese que as virtudes são necessárias para a vida humana equilibrada neste mundo marcado pela competitividade e individualismo extremos provocados pelo neoliberalismo e a globalização da economia, e os prejuízos de toda ordem daí recorrentes.

Esta breve introdução é suficiente para demonstrar como não poucos pensadores nas mais diversas áreas do conhecimento têm ao longo dos

---

<sup>2</sup> Cf. Chauí, 2003, 314.

séculos se preocupado com o tema da virtude. No entanto, idéias como virtude e moral são não raro desprezadas pela cultura popular contemporânea. Ao contrário do sentido original da palavra, que tem a ver com “força”, na sociedade contemporânea muitas vezes a pessoa “virtuosa” é mal vista, sendo considerada como fraca e tola.

### **O tema da virtude na literatura – a produção infanto-juvenil de Malba Tahan como exemplo**

A hipótese operacional básica desta comunicação é que o tema das virtudes é um contraponto a esta visão. Daí a proposta de correlacionar ética, religião e literatura na perspectiva deste tema. Para fazê-lo, recorrer-se-á à literatura de Júlio César de Melo e Souza (1895-1974) mais conhecido como Malba Tahan. Júlio César de Melo e Souza era professor de matemática, e tornou-se muito conhecido pela renovação didática que levou a cabo no ensino desta disciplina. O professor verdadeiramente conseguiu “descomplicar” o ensino da matemática. Mas o objetivo desta parte da comunicação não é apresentar a inovação no ensino da matemática levado a cabo pelo professor Melo e Souza. Antes, pretende-se apresentar sua obra no campo da literatura infanto-juvenil como exemplo de literatura que constante e sistematicamente recorre ao tema das virtudes. Malba Tahan dedicou-se à literatura infanto-juvenil, gênero literário enganosamente fácil – haja vista que poucos são os que se aventuram a escrever neste gênero. Hoje em dia Malba Tahan encontra-se praticamente esquecido como autor de literatura infanto-juvenil. Provavelmente isto seja explicado por ter sido ele praticamente eclipsado pelo sucesso de Monteiro Lobato<sup>3</sup>. Outra hipótese para seu esquecimento neste campo talvez esteja exatamente no fato de Malba Tahan ser tido como autor “moralizante”, o que para alguns críticos literários se constitui em demérito. Todavia, a despeito da afirmação já feita quanto a um esquecimento de Malba Tahan, não se pode esquecer que algumas de suas obras continuam tendo sucessivas reedições. *O homem que calculava*, sua obra prima, publicado pela primeira vez em 1939, já está na 64ª edição (publicada em 2004). Esta obra foi

---

<sup>3</sup> A adaptação d’*O sítio do picapau amarelo* para a televisão decerto contribuiu para tornar mais conhecida a obra de Lobato e, conseqüentemente, o esquecimento da obra de Malba Tahan.

premiada pela Academia Brasileira de Letras, e foi publicada na Alemanha, na Espanha e nos Estados Unidos.

Malba Tahan escreveu cerca de dezesseis obras no gênero literatura infanto-juvenil<sup>4</sup>. Escreveu também obras de divulgação da matemática, que verdadeiramente contribuíram para uma renovação didática no ensino desta disciplina<sup>5</sup>. Com um estilo às vezes arcaizante, mas não obstante ágil e fluente, suas histórias quase sempre são ambientadas na Ásia – a maioria das vezes no Oriente Médio, mas algumas vezes na Ásia Central, no subcontinente indiano ou no Extremo Oriente – regiões que evocam um clima de mistério e aventura que chama a atenção dos leitores ocidentais. Neste sentido, a literatura de Malba Tahan é uma espécie de reatualização do romantismo literário do século XIX. Para produzir suas obras estudou a língua árabe, além da história e geografia dos povos orientais. Sua narrativa é envolvente (ainda que algumas vezes seja um tanto monótona). Seu texto é didático no sentido de apresentar informações culturais sobre os lugares e povos citados. Sua obra é um caso interessante do que em estudos de crítica literária é chamado de “tradução fictícia” – o livro é apresentado como se fora uma tradução<sup>6</sup>. É o que faz por exemplo Umberto Eco em *O nome da Rosa* e J. R. R. Tolkien em *O Senhor dos Anéis*<sup>7</sup>.

O elemento religioso é facilmente perceptível na obra de Malba Tahan. Sua preocupação não é conversionista ou proselitista. Prova disso é que não escreve para exaltar o catolicismo romano (o cidadão Júlio César de Melo e Souza era católico romano praticante, devoto e piedoso)<sup>8</sup>. Antes, escreve para apresentar valores religiosos expressos nas tradicionais virtudes da tradição medieval. Quem ler por exemplo *Lendas do deserto* muito provavelmente vai pensar que está lendo um autor islâmico. Mas ao ler *Lendas do povo de Deus* ter-se-á nitidamente a impressão de se estar lendo ora um autor judeu ora um autor cristão. O mesmo ocorre ao se ler *Novas lendas orientais*, algumas ambientadas no Extremo Oriente, passando a impressão que o autor era

---

<sup>4</sup> Para uma relação completa dos textos de Malba Tahan, consultar as Referências Bibliográficas no fim deste artigo.

<sup>5</sup> Cf., inter alia, Malba Tahan, 1976.

<sup>6</sup> Seus textos sempre eram publicados com a nota “tradução e notas do Prof. Breno Alencar Bianco”.

<sup>7</sup> Para detalhes do processo de tradução fictícia em *O Senhor dos Anéis* consultar Gonçalves, 2007.

<sup>8</sup> Observe-se todavia que no final de *O homem que calculava* encontra-se o relato da conversão do protagonista Beremis Samir ao cristianismo (a “religião de Jesus”), devido à influência de sua esposa cristã.

budista ou seguidor dos princípios de Lao Tsu. O que está claro em todos os casos é a preocupação moralizante – mas não moralista – de Malba Tahan. Seu texto exalta a excelência das virtudes<sup>9</sup>. Algumas vezes, por intermédio de aforismos, do tipo “a verdade é mais rara que a flor do anen no Rub el Khali”, citado como epígrafe em um dos seus contos, com as devidas notas explicativas do suposto tradutor, Prof. Breno Alencar Bianco, esclarecendo que “anen” é uma espécie de flor e o Rub el Khali é um deserto no sul da Península Arábica. O conto com o citado aforismo em epígrafe apresentará invariavelmente uma situação na qual mentira e verdade são contrastadas, e a excelência da verdade será exaltada. Mas na maioria das vezes a exaltação de virtudes como a coragem, a nobreza de espírito e de caráter, a honra, a verdade ou a prudência se dá naturalmente em seus contos, em detrimento de atitudes detestáveis como a cobiça, a ganância ou a inveja. Isto é apresentado por Malba Tahan no decorrer de toda sua obra literária não de maneira ingênua ou piegas. Antes, de modo bastante criativo e envolvente.

A obra de Malba Tahan faz lembrar o tema dos transcendentais da tradição escolástica medieval (que é influenciada por Platão e Aristóteles), especialmente o bom, o belo e o verdadeiro, que em última instância têm sua origem no próprio ser de Deus. Citando Jacques Maritain,

É apenas em Deus que todas estas perfeições identificam-se segundo sua razão formal; nEle a Verdade é a Beleza, é a Bondade, é a Unidade, e estas são Ele mesmo. Ao contrário, nas coisas abaixo, a verdade, a beleza, a bondade etc., são aspectos do ser distintos *segundo sua razão formal*, e aquilo que é *verdadeiro simpliciter* (absolutamente falando) pode não ser *bom* ou *belo* a não ser *secundum quid* (sob uma certa relação); aquilo que é *belo simpliciter* pode não ser *bom* ou *verdadeiro* a não ser *secundum quid*... Portanto a beleza, a verdade, a bondade (sobretudo quando não se trata mais do bem metafísico ou transcendental, mas do bem moral) governam esferas distintas da atividade humana, das quais seria vão negar *a priori* os possíveis conflitos sob o pretexto de que os transcendentais estão indissoluvelmente ligados entre si: princípio metafísico perfeitamente verdadeiro, mas que requer ser bem compreendido<sup>10</sup>.

---

<sup>9</sup> Considerando-se a já citada origem remota grega – *areté* – da palavra virtude, a construção “excelência das virtudes” é tautológica.

<sup>10</sup> Maritain, *Arte e Scolastica*, 1980, apud Sproviero, s.d.

### **Conclusão**

O tempo atual é o tempo que, por influência do neoliberalismo econômico, o único valor a ser buscado é o do capital financeiro. Enfatiza-se o consumo, a vaidade, a futilidade, a ostentação de riquezas e a aparência. Não sem razão o filósofo Guy Debord (2000) denomina a sociedade contemporânea de “sociedade do espetáculo” e Jean Baudrillard (2000) a denomina “sociedade do consumo”. Competitividade e egocentrismo são tristes marcas desta sociedade.

Tal situação torna legítima a busca de um resgate de bens outros que não apenas e somente o capital financeiro. Há que resgatar a importância de valores como a solidariedade, a verdade e a busca da transcendência. Urge que se redescubra e que uma vez mais se dê valor à antiga tradição das virtudes. A literatura infanto-juvenil de Malba Tahan poderá ser instrumento neste sentido.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1987
- BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade do consumo**. Lisboa: Edições 70, 2000
- BOFF, Leonardo. **Virtudes para um outro mundo possível**. 3 volumes. Petrópolis: Vozes, 2006
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. 13ª edição. São Paulo: Ática, 2003
- COMTE-SPONVILLE, André. **Pequeno tratado das grandes virtudes**. São Paulo: Martins Fontes, 2004
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997
- GONÇALVES, Dircilene Fernandes. **Pseudotradução, linguagem e fantasia em O Senhor dos Anéis, de J. R. R. Tolkien: princípios criativos da fantasia tolkieniana**. Dissertação de mestrado em Estudos Lingüísticos e Literários em Inglês. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007
- SHATTUCK, Roger. **Conhecimento proibido**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998
- SPROVIERO, Mario Bruno. **A negação dos transcendentais: o erro e o mal**. Extraído de <http://www.hottopos.com/mirand4/suplem4/aneqao.htm>. [acesso: 29 ago 2007].
- TAHAN, Malba. **Lendas do bom rabi**. São Paulo: Acadêmica, 1951
- \_\_\_\_\_. **A sombra do arco-íris**. Rio de Janeiro: Conquista, 1963
- \_\_\_\_\_. **Aventuras do rei Baribê**. Rio de Janeiro: Conquista, 1964
- \_\_\_\_\_. **As maravilhas da matemática**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1976
- \_\_\_\_\_. **Contos e lendas orientais**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001
- \_\_\_\_\_. **Céu de Allah**. Rio de Janeiro: Conquista, 1963
- \_\_\_\_\_. **Lendas do deserto**. Rio de Janeiro: Conquista, 1963
- \_\_\_\_\_. **Lendas do povo de Deus**. 14ª edição. Rio de Janeiro: Record, 1997
- \_\_\_\_\_. **Maktub! (Estava escrito)**. Rio de Janeiro: Conquista, 1964

\_\_\_\_\_. **Mil histórias sem fim.** Volume 1. 18ª edição. Rio de Janeiro: Record, 1998

\_\_\_\_\_. **Mil histórias sem fim.** Volume 2. 16ª edição. Rio de Janeiro: Record, 1998

\_\_\_\_\_. **Minha vida querida.** Rio de Janeiro: Pongetti, s.d.

\_\_\_\_\_. **Novas lendas orientais.** Rio de Janeiro: Conquista, 1965

\_\_\_\_\_. **A caixa do futuro.** Rio de Janeiro: Record, 1987

\_\_\_\_\_. **O homem que calculava.** 65ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2004

\_\_\_\_\_. **Sob o olhar de Deus.** Rio de Janeiro: Conquista, 1963

\_\_\_\_\_. **Lendas do oásis.** Rio de Janeiro: Record, 1999

\_\_\_\_\_. **Salim o mágico.** Rio de Janeiro: Record, 1999